

Nelson Lima

POETAS DEVEM JOGAR POEMAS NO LIXO

Rio de Janeiro

2006

CARAMELO

No café
A xícara de expresso esfriava
Nessas raras tardes elegantes
Do Rio de Janeiro
Quando não estamos
Ensopados de suor
Uma brisa fria do mar
Fazia o vapor desvanecer

Minha boca adocicada
Pelo *petit four*
Aguardava com ânsia
Um caramelo

Quando esse caramelo
Adoçou minha boca
Os prazeres do café
E do *petit four*
Foram subestimados

Um caramelo viçoso
Encolhe-se ao vento frio
E pede abrigo
Em minha boca

Caramelo-olhos
Caramelo-boca
Caramelo-unhas bem feitas
Com anel de jovem no dedo polegar
Tudo brilhando naturalmente

Mais do que nunca
De todos os sentidos
O olhar é o sentido farol
Dos demais
E aquela metáfora
Não era flor
Não era o sol
Não era música

Tinha que ser um caramelo
Caindo da minha boca
E melando
A roupa de cama.

5 de setembro de 2006

ÊXODUS

Eu sou de uma geração
Marcante. Marcas essas
Ininteligíveis
Pelas paredes da cidade
Como hieróglifos
Expressando prazeres
De sensações primitivas
De caça e caçador
Em selva de pedra

Eu sou de uma geração
Drogada
Pela droga da droga
Que queima
Misturada com bosta
Enrolada no falso diploma
Das carreiras sem carreira
Em giz e maizena

Eu sou de uma geração
Aleijada nas mãos
Porque as unhas
Foram roídas até as falanges

Eu sou de uma geração
Igualada por baixo
Em calças jeans rentes
Ao falo incompetente
Que ressuscitou as virgens
Da boca estuprada

Eu sou de uma geração
Comunista no pior sentido
Na luta de classes
Que existe em cada “arrastão”
E que não escolhe a ninguém
Não escolhe o furto
De dignidade
Para jogar, inútil, no lixo

Eu sou de uma geração
Que não conhece o tiro
Que vai disparar
E não sabe o peito
Que vai ferir.
Já caminhou-se contra o vento
Ainda caminha-se...
Eu sou de uma geração
Que é o vento.

(1991-2006)

FEROZES E FINGIDOS

Me ensinaram
Que eu venceria na vida
Se fosse uma boa pessoa
Para os semelhantes
E nunca alertaram-me
Que venceriam
Os ferozes e fingidos
Mais do que todos os outros

Quem não tem a ferocidade
Que o dinheiro dá
Que o poder dá
Que a beleza dá
Terá que ser fingido
Fingindo riqueza
Fingindo autoridade
Fingindo formosura
Pois, assim poderá
Se aproximar dos covis
Onde lutam as feras
Criar intrigas
Fazer se devorarem
E ocupar um lugar ilegítimo

(1998-2006)

EXCÍPULO

Excípulo
É a porção basal
Diferenciada
Do apotécio
Sobre a qual
Está o himênio

24 de junho de 1997

CREIO, SIM

Não creio em Deus.
Creio, sim
Na eternidade
Das causas primeiras.

Setembro de 1988

DEUS É O ARCO-ÍRIS

Ele surge de surpresa
Dali pra lá, de lá pra ali
Um pirulito de festa
Que a nuvem lambe
E sol mastiga

Sonho de criança
Esperança de velho

Deus é arco-íris
E também Oxumaré!

Março de 2001

TAL QUAL

Se o pássaro
Obtivesse a razão
Não voaria
Impedido pela emoção

Abril de 1999

ELE
O coração nunca sabe
Dos acordos dos devassos

LAPA

A Kadu Carneiro, morto aos 44 anos em 2005

Vejo uns Cruz e Souza
Esfarrapados e talentosos
Recitando loucuras pausadas
Enquanto se embriagam.
Eles estão na Lapa
Doentes da doença
Simbólica e simbolista
Do romantismo
Que deixa de lado a Glória

Manuel Bandeira tísico
Vendo a paisagem dos fundos
Deixou de lado a glória
Na Lapa

Pedro Nava
Caiu aos pés da Glória
Morto
Bem como,
Assis Valente

Eis que a glória
É pesada de carregar
E ao se pô-la de lado
Ziguezagueia-se até a Lapa
Para ajoelhar-se
E pedir perdão
Antes de cruzar os arcos
E voltar a pecar

Gostam da Lapa
Os derrotados
Os reincidentes
Os replicantes
Os resistentes
Aos tratamentos

Finalmente,
Os que são estraçalhados
Deixando seu sangue
Por ruas, vielas e favelas
São trazidos para a Lapa profunda
Para a autópsia

De tanto ser lembrada
Por abrir a casca dos mortos
A Lapa recria-se

Abrindo a casca dos vivos
Caramujos sem caracóis
Expostos ao ridículo

Ruínas...
Coche Recheio
Hotel Bragança
Palácio
Da rua do Riachuelo
A Polícia Central
Dos desprestigiados torturados
Do Estado Novo
Se comparados
Aos sem lenço nem documento

Arqueologia
Escavando ruínas humanas
Um antiquário
Que vende palmatórias
A arcaica surra de pau
E as mortes por vingança.
Filme *noir* carioca.

Na Lapa
Sou tomado pela arte
De ser roubado
Para aprender
Aprender a arte de roubar.
De fato,
A Lapa rouba corações.

5 de setembro de 2006

TEORIA META-FREUDIANA GERAL DO SEXO

A família ainda é sagrada
Mesmo as detestáveis.
O desejo sexual
Pelo pai, pela mãe
Pelos irmãos, pelos filhos
Ainda é pecaminoso

No caso da família
O pecado já está no desejo
Antes mesmo do ato
Que o tabu
Impede de ocorrer

Se, acidentalmente,
For quebrado o tabu
Uma criança abusada no lar
Terá um sentimento de culpa
Avassalador
De um ato
No qual ela é a única
Isenta de responsabilidade pessoal

Mas, ela será acusada
Pela família detestável
De criança sedutora

As famílias nas quais
Uma flor de beleza nasce
Em um pântano de feiúra
Possuem horrendas moscas invejosas
Que querem macular o viço da flor

O adolescente
Em condições normais
Precisa satisfazer
O desejo reprimido
De transar
Com a mãe
Com o pai
E com os irmãos
Fazendo fortes transferências
Nas primeiras paixões

Achar a mãe, pai, irmão, irmã
Nada tem a ver
Com opção sexual
Mas, com desejo incontrolável
Por aqueles
Que mais lhe sugeriram
Uma posição de poder

É a admiração pelo poder
Que faz aflorar o desejo
Dentro da família
Para que projete-se
No primeiro amor

Se a criança estiver violada
E culpada pela acusação
De sedução,
Tudo se complica mais
Já sendo complicada

O primeiro amor
Pode acabar em casamento
Por que a mulher
É vista como a mãe perfeita
Que o adolescente
Pode possuir

Noras e sogras
Irão competir
Por uma posição de poder
Ferozmente
Mesmo às custas
Dos sentimentos do adolescente

O pai perfeito
É muito mais improvável
Devido à imaturidade
Geral dos rapazes.
Deste modo
É normal que a moça
Procure homens adultos

A mulher adia e sofre
Na busca do desejo pelo pai
Por que frustra-se mais
Com a qualidade dos homens

Enquanto, o menino
Só busca o acessório sexual
Que complementa a mãe

A menina
Procura a presença
Do pai ausente
Além, do falo oculto
Que a fere e machuca
Sem compensações

O menino
Que procura o pai
Não é homossexual
Por causa disso.
Tampouco a menina
Que procura a mãe

Em princípio
O menino
Pode encontrar
Em uma mulher
Essas características.
Se achar em um homem
E transar com ele
Isso pode ser a fase
Que o faz exercer
Até esgotar
O desejo pelo falo oculto
Do pai e do irmão.
O problema está
Na acusação social
Que o menino sofre
Mais do que a menina

O fenômeno homossexual
Não é a descoberta da homossexualidade
Mas, conversão cultural autoritária
Do menino que tem práticas
Que o mercado quer consumir
No mundo gay assumido
Ou na prostituição
De garotos de programa
Ou travestis

Essa conversão violenta ao menino
Mas, ele aceita
A prostituição dos sentimentos
Em troca de vantagens
Sociais e financeiras
Que são do mesmo tipo
Com ou sem prostituição
De fato

A menina é mais preservada
Por ter escolhas maiores.
Mas, a menina abusada
Dentro da família detestável
Verá a dor como punição merecida
E verá, com frequência,
O dinheiro e a posição social
Como vantagens aceitáveis
Pelo enorme sofrimento

O menino bonito abusado
Imporá, com frequência, da sua dor
A dor aos que o amarem
E terá prazer
Em fazer uma coleção
De corações partidos
Desesperos e até, suicídios

Quanto maior sua beleza
Maiores suas armas.
Mas, pelo contrário, se forem rejeitados
Despertam outras reações

Sadismo e masoquismo
Complementam-se
Mas, o masoquista
Tem mais autocontrole
E aceitação social:
Pode sublimar a dor na fé.

Quem o tenta aniquilar
É o sádico amoral ou ateu
Que não suporta
A dor de viver
E a distribui
Com toda a intensidade.

Finalmente
Também o gosto
Pela diferença de cor
Pode ser explicado
Indo além de Freud
E invalidando
Teorias raciais facistas
Que são aliadas
Das conversões culturais autoritárias

Com famílias multicoloridas
Como as famílias brasileiras
É mais do que normal

O desejo sexual multicolorido
Já na adolescência.
Mas as acusações sociais
Veiculadas contra o desejo
De cores diferentes
Aniquilam a possibilidade de relações
E formam os novos racistas
Frustrados em seus desejos
Pelo racismo da sociedade
Que trabalha para o estado
Que governa o Brasil
Com uma cara que o interessa.
O alvo preferido é o desejo
Do branco pelo negro
Do negro pelo branco.

Ao contrário das outras relações
Que são preservados na intimidade
As relações branco-negro
Expõem adolescentes
À espionagem da sociedade
Como questões de estado.
Nessa intervenção cultural autoritária
Ditada por teorias
Cheias de teias de aranhas
O negro deve passivamente
Ser cortejado pelo branco
Para que não seja taxado
De devasso.
Também não pode cobrar
Posições em relação à ele
Para que não seja taxado
De interesseiro.

O branco, por sua vez,
Deve satisfazer seus “instintos”
E voltar ao normal sempre
Para não ser taxado
De ‘viciado em negros”
Como o vício em drogas.

Toda essa ditadura
Faz o negro não crer
No casamento
E procurar seus pares
Com o sentimento frustrado
Pela ditadura da sociedade.
Terá casamentos felizes?

Ele imporá a ditadura da cor
A seus filhos também:

Induzindo a transar com brancos
Prostituindo sentimentos por poder
Ou projetando comodismo
Transando com negros
Para não trair a “raça”.
Ou oito ou oitenta.

Ao branco cabe sempre
Toda a iniciativa
Em relação ao negro
Desde que a família emergente
Não sofra o dissabor
De um casamento multicolorido

A ignorância para com o desejo
Faz com que as famílias
Não entendam
Quem, em condições normais,
O desejo sexual inicial
Que procura a família
E pessoas de cores parecidas,
Em outro momento maduro
Procure a diferença
Como forma de criar
Novas alianças culturais
E até intercâmbios internacionais.
Transar é aprender!

24 de outubro de 2005

VÃ FILOSOFIA DO QUASE QUARENTÃO

São poucas
Em sua vida
As pessoas
Que te fazem
Ter certeza
Dos seus sentimentos
Em relação
A elas.

Você deve
Respeitar
Essas pessoas
Mesmo que
Seu sentimento
Por elas
Seja de ódio

São as únicas pessoas
Que te ajudam
A progredir

OBALUAIÊ

Sou apaixonado
Por Obaluaiê.
Utopia de africano
Porque na indumentária
É menos o teatro
Do possuído
E mais a imagem
Idealizada
Do verdadeiro orixá

Rejeitado por mamãe
Rejeitado por Nanã
A mulher corroída
Pelo arrependimento

Orixá da doença
Da cura
E da carência
Gosta de carinho
De casa cheia
Na sua festa

Sua comida
Ressuscita

Não gosta
De orgulho
De comer com talheres
De sentar à mesa

Come com a mão
Sentado no chão

A fé de Obaluaiê
Vem depois do medo
Sendo mais forte
Porque sobrevive
À morte

A fé que brada
Por baixo das palhas

A..TOTô!

(Amsterdã-Rio ,2000-2006)

ARQUÉTIPOS
À George Azariah

O amor vem
Ao meu coração
Quando um Deus
Desce a meu encontro

Deuses gregos
Apollos e Bacos
Tenho muitos Bacos
Em minha vida

Uma entidade tupinambá
Já me devorou

Muitos anjinhos barrocos
Eu também tenho louvado

Um orixá
Já me abraçou
E levantou
Com negros braços.
Não recebi um santo
Mas, apaixonei-me

Uma lemanjá morena
De cabelos negros
Já colocou minha cabeça
No meio de suas tetas
E adormeci

Uma Oxum dourada
Já jogou seus cabelos
Na minha cara
E eu chorei

Mas, nunca podia esperar
Que um cavaleiro das monções
Vindo da Índia
Pudesse também
Encontrar-me aqui
Nesses trópicos americanos.
Volta logo, Arjuna
Meu Ogum Zartu Hindu

11 de outubro de 2006

MAIZ DE LA TIERRA

O mundo ainda virá
Mas os deuses já convivem.
Os poderosos Tezcatlipocas
Ordenam a Quetzalcoatl
Que crie as coisas
Junto com Huitzilophtli

Os dois primeiros
Estão onipresentes
Mas, invisíveis
Transformando-se
Em animais e seres bizarros

O segundo é o grande mago
E o terceiro
Um guerreiro destruidor

O primeiro casal humano
Oxonoco
E Cipactonal
Morrem quando a morte
Já é domínio
De Mictlantecuhthli
Senhor da morte
E Micteccacihuatl
Senhor do além

As águas
São de domínio
De Tlalocatecuhtli
E Chalchiuhtlicue
Um casal que gera filhos
Os Tlaloques
Pequenos deuses da água

Mas a grande missão
É de Quetzalcoatl
Que vai ao mundo dos mortos
E ressuscita as caveiras
Banhando-as com o sangue
Do corte de seu próprio pênis.
A sua anemia
Gerou a sede de sangue
Pela qual o povo ressuscitado
Ficou responsável
Em saciar.
Os Astecas.

O sol foi criado
Após a luta e destruição
De quatro sóis
E durante essa luta
A terra e os homens
Foram molestados e destruídos
Muitas vezes.
Tezcatlipoca e Quetzalcoatl
Criaram o céu e as estrelas
E foram para lá observar
Os homens do alto

E o sol foi criado
Junto com a guerra

E a guerra passou a alimentar
O sol e os deuses do céu
Com o sangue dos guerreiros
Feitos prisioneiros

A adaga de obsidiana
Haveria de romper o peito
Dos guerreiros
E arrancar ainda pululando
O coração vivo
Para que fosse jogado
Na sempre aberta
Boca do sol.
O sol alimentado exausto
Caia para que fosse criada
A lua
Que teve um filho
Também sacrificado
E ela foi assim feita
Por Tlalocatecuhtli
Obscura e cinzenta

A primeira história
Do México
Acaba em 1521
Até que os dominem
Os espanhóis

(Amsterdã-Rio,2000-2006)

SAMBA DO CRIOULO DOIDO

Alto lá!
Eu não sou louco
Sou apenas
Um simples doido

O doido
Entitulado doidivanas
Tem lugar na sociedade
Já o louco
Perambula na cidade

O doido foi eleito presidente
Quando chamado de louco
Perdeu o seu posto

Dispara a cem
O doido orgulhoso
Quando bate e morre
Na lápide está:
Era louco

A orelha
Cortou o louco
Os campos de trigo
Pintou Van Gogh
O doido

Tem sete filhos
A mulher doida
Passam fome os filhos
Daquela louca

O louco e o doido
Apostam no azarão
O louco perde tudo
O doido vai pra mansão

NEW WORLD

Latin America means
A new american dream
Insane, but, with keenness
Lovely and lonely
A dream as a dream
Illusionary
Mixing people
In a huge mess
Of ideas and feelings
Colorful
Like a Carmen Miranda`s hat.
The baroque churches of Zocalos
And Ouro Preto
Are an idealism
Of richness next to
A real poverty
Both in overdose
A propose
Of happiness in carnival
Joining winners and losers.
A urban non-sense
In the Rio`s landscapes
From the favelas
Looking buildings
With a powerful
Of tropical highlands.
Streets crossing
Countries
Inside São Paulo
And the winds catching
The hopeness
Of Buenos Aires squares.
The same earthquake
Shaking Havana vieja
With music and utopia.

Let`s open again
The abandoned douanes
In the safe harbours
Of Latin America

24 de setembro de 2006

A VELHA CIDADE

O metrô ajuda.
A Cinelândia toma tempo
Paralisa
As estátuas de Bernardelli
No alto do Teatro Municipal
A tragédia, a comédia
A música...
Sutil delírio parisiense.
Visitar o museu
De Belas Artes
Estudar na Biblioteca
Nacional
Tomar café no Assírius
E aguardar
O Espetáculo do Municipal.
No fim da noite obscura
Apenas os bêbados
Buscando amor fingido.

Amanhece
Sem a gente sentir.
Há uma perspectiva
De vida
Que nos aponta
A paz dos conventos
Do alto.

Antes de pensar na clausura
Deve-se circundar
As atrações da vida
Beirar o Chafariz Monroe
Caminhar no Passeio
E na Praça Paris
Uma Paris suada
Com ares de Lisboa
Superpovoada.

A Lisboa se insinua
No casario teimoso
Que circunda
Os Arcos da Lapa.
Ali a noite feérica
É também plena de amor
Cantando, dançando
Exibindo a beleza
E fazendo amor.

A escadaria de azulejos está cheia.

Amanhece
 E a gente sente o dia
 Dia de feira de móveis
 Na Rua do Lavradio.
 Você pode achar
 Um canapé.
 Não é chique?

A catedral dobra os sinos
 E a gente levanta o pescoço.
 Para a Manhattan que brota
 No arranha-céus de estatais
 Do eixo do Castelo
 Mas, que, ao dobrar-se à direita
 Da torre nova-iorquina
 Chega-se ao pátio relaxante
 Do modernista Palácio Gustavo Capanema
 E à Igreja de Santa Luzia.

De volta ao convento
 Aonde chegaremos finalmente
 Após tantas voltas
 Desde a perspectiva.
 Santo Antônio
 São Francisco da Penitência
 Barroco e rococó
 Que foram a inspiração
 Da grande arte das Minas.

Lisboa e Paris
 Aqui e ali.
 Aqui um bonde-electrico
 Para Santa Teresa
 Ali um ateliê
 No bairro altiplano
 Montmartre brasileira.
 Aqui uma Confeitaria Colombo.

*O velho na porta da Colombo
 É um assombro
 Sassaricando.*

Ali um Real Gabinete
 Português de Leitura.
 Dom Pedro I
 A cavalo
 Na praça com nome
 Do Inconfidente Tiradentes

Libertas quae sera tamen

Assim a história
É difícil de aprender
Mas, na Praça Quinze
É fácil.
A família real
Morou no Paço Imperial
Bebeu água no chafariz
Do mestre Valentim
Saiu pra passear
Nos atracadouros
Das estações de ferry.
Entrou nos Arcos dos Telles...

Rezaram muito
Talvez por pecarem muito.

As velhas catedrais
Do Carmo da Antiga Sé
E a monumental Candelária.
Nossas Senhoras
Da Lapa dos Mercadores
Do Monte Carmo
Mãe dos Homens
Da Conceição e da Boa Morte.
São José
Santa Cruz dos Militares
Praticamente
Uma igreja do lado da outra.
Sob a proteção do forte
No atual museu
Histórico Nacional.

Do velho mercado
Sobrou a torre de ferro fundido
Do restaurante Albamar.
O elevado é feio
Mas, o mundo é dos carros
E não mais dos tilburis.
Ça`va!

Uma grande nostalgia
Ao ver que a cidade nasceu
No sopé da velha ladeira
Outrora desmontada
Sem misericórdia
Reduzida a uma rampa
Cheia de lixo e cocô.
Ao lado da Santa Casa
E da senhora do Bom-sucesso!

Os pretos rezavam
 Longe dali
 Separados da fidalguia.
 Embora o cheiro de cocô
 Me faça lembrar
 Dos escravos *tigres*
 Que carregavam merda
 Em tonéis sobre as suas cabeças
 E despejavam na Baía de Guanabara.

Nossa Senhora do Rosário
 Nossa Senhora da Lampadósia
 Santo Elesbão e Santa Efigênia
 Perto da igreja do largo
 De São Francisco de Paula
 Onde também está o IFCS
 Da Universidade do Brasil
 Aonde estudei
 Em direta perspectiva
 Da Rua do Ouvidor.

*Esta Rua do Ouvidor
 É um caso de amor
 Do meu Rio (...)
 A moda do francês
 Virou freguês
 Na fidalguia.*

Já a presença da Bahia
 Se espraia desde o Mosteiro
 De São Bento
 Em direta perspectiva
 Da Rua 1º de março
 E nos adros do largo
 De Santa Rita
 E de São Francisco da Prainha.
 O ouro e o negro
 Trapicheiros e capoeiras.

O velho porto
 De ar sufocante
 E o morro da Conceição
 Conceberam o samba
 No sobe e desce
 Da Pedra do Sal.
 E o samba
 Tem sua avenida de desfiles
 Com horário marcado
 De olho no relógio
 Da Central do Brasil.

Agora na velha Gâmboa
Fica o estúdio cinematográfico
Do samba
Nascido descalço.
A branca capela
De Nossa Senhora da Saúde
É testemunha
De que o samba vai indo bem.

Outra grande nostalgia
Pela velha cidade
E o cansaço agora
Já é insuportável...
Um sanduíche e um chopp
No Paladino
E na Rua Uruguaiana
O metrô ajuda.

Mas, antes de ir
Leia sobre o que viu
No Centro Cultural
Banco do Brasil.
Reveja Paris
Na França-Brasil.
E relaxe no barco
Com condutor da Marinha, um oficial
Até o Castelo da Ilha Fiscal
Onde a velha cidade
Acordou de seus delírios
Depois de um grande baile.
Está tudo perto da Candelária.

Rio de Janeiro, 31 de março de 2006

ANAHY DE LAS MISSIONES
À Senadora Heloísa Helena

Sempre que te revejo
Fico emocionado
Com aquele teu olhar
De esperança sofrida
De alegria sofrida
Naquele fim de mundo
Do tempo e espaço pampeiro
Em 1840.

O que era ser mulher só e Deus
Em 1840?

O Brasil não era real
Para Anahy.
Era uma crença religiosa
Posta a prova todo o santo dia
Por Maragatos e Caramurus
Ensangüentados.

O Brasil era um Boitatá.

Mulher brasileira original
Como Maria Bonita no Sertão
Muito tempo depois
A dizer
Que apesar de tudo
Sempre vale a pena.

O marinheiro genovês
A dar-lhe um filho
Teria sido Garibaldi?

Um homem
Tão homem
Quanto todos
Que Anahy teve
Dando-lhe o saber
De dizer
Que homem
É vento haragano
Inda mais em tempos de guerra.

Salve Anahy de las Misiones
Suja de lama, de cara limpa
Que não foi pura
Nem foi puta.

DIÁLOGO COM GEORGE

EU:

Tenho saudades.

Como vai a viagem?

ELE:

Tudo bem!

Ouro Preto was beautiful

So I stayed over

Catching bus tonight

To Brasília.

Thanks for sharing

Your Rio with me.

I felt uneasy at times

As I was faced with a situation

I wasn't expecting at all

And would have preferred to avoid.

Teaches me to smile.

But I appreciate

Your hospitality and keenness for me

To enjoy my stay with you.

A big hug,

George.

EU:

You are my friend with sugar

And I still feel your taste, forever.

Don't forget me.

Big kiss,

Nelson

Quando ele aqui chegou

Sentiu uma brisa marinha

Um cheiro de saudade

E é só!

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2006

MEU BOM JUIZ

De Bezerra da Silva, menestrel das favelas

Ah, meu bom juiz
Não bata esse martelo
Nem dê a sentença
Antes de ouvir
O que meu samba diz
Pois, esse homem
Não é tão ruim
Quanto o senhor pensa

Vou provar que lá no morro
Ele é rei
Coroadado pela gente
É que na minha fantasia
Eu sonhei (doutor)
Com um reinado diferente
É, não se pode na vida, eu sei
Sim, ser um líder permanente
(O homem é gente!)

Doutor, o morro é pobre
E a pobreza
Não é vista com franqueza
Por esse pessoal intelectual
Se alguém
Se inclina com vontade
Em prol da comunidade
Jamais será marginal
Buscando
Um jeito de ajudar o pobre
Quem quiser cobrar, que cobre
Pra mim isso é muito legal

Eu vi no Morro do Jramento
Gente chorando de dor
Se o senhor presenciasse
Chorava também, doutor.

DURAS VERDADES

Desde quando
Vim morar no Centro
Tenho descoberto verdades
Dolorosas
Que nada têm a ver
Com os velhos sonhos
De felicidade
Da zona sul.

Um colega da universidade
De ciências sociais dos anos 80
Com quem nunca tive intimidade
Perambula pela Praça Paris
Com cabelos grandes
E barba branca.
Não parece sujo,
Parece um mendigo intelectual
Carrega papéis e escreve
Concentrado como que diante
De uma tese semi-pronta.

Não sei seu nome
Mas, sua fisionomia é inconfundível.
Ali está ele, autista
Sans-culottes diante da Bastilha
Falando sozinho
Tramando complôs
Escondendo-se atrás
Da estátua *art-nouveau*
Mirando o chafariz
Da sua Place de la Concorde.

Só pode ser um daqueles
Que o amor derrotou
Pra valer.
Porque os desempregados
De nossa pobre profissão
São gregários
E se amontoam facilmente
Em qualquer recanto de dignidade
No subúrbio ou em Santa Teresa.

Isaura me disse:
Vai ser sociólogo ou antropólogo
Vai viver na merda.
Estou escapando por pouco.
Mas, não posso negar
Que me atraí
Pela cena cruel

E fantasiei viver
No banco da praça
Do lado oposto ao dele.

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2006

ROMANOS 12

Rogo-vos, pois,
Irmãos,
Pela compaixão de Deus
Que apresenteis
Os vossos corpos
Em sacrifício vivo
Santo e agradável a Deus
Que é vosso culto racional.

E não vos conformeis
Com este mundo
Mas transformai-vos
Pela renovação
Do vosso entendimento
Para que experimenteis
Qual seja a boa,
Agradável, e perfeita
Vontade de Deus.

Porque pela graça
Que me é dada
Digo a cada um
Dentre vós
Que não pense de si mesmo
Além do que convém;
Antes, pense com moderação
Conforme a medida da fé
Que Deus repartiu a cada um.

Porque assim
Como em um corpo
Temos muitos membros
E nem todos os membros
Têm a mesma operação

Assim nós
Que somos muitos
Somos um só
Corpo em Cristo
Mas individualmente
Somos membros
Uns dos outros.

De modo que,
Tendo diferentes dons
Segundo a graça
Que nos é dada
Se é profecia
Seja ela segundo

A medida da fé

Se é ministério,
Seja em ministrar;
Se é ensinar,
Haja dedicação ao ensino;

Ou o que exorta,
Use esse dom
Em exortar;
O que reparte,
Faça-o com liberalidade;
O que preside,
Com cuidado;
O que exercita
Misericórdia,
Com alegria.

O amor
Não seja fingido.
Aborrecei o mal
E apegai-vos ao bem.

Amai-vos
Cordialmente
Uns aos outros
Com amor fraternal
Proferindo-vos
Em honra
Uns aos outros.

Não sejais vagarosos
No cuidado:
Sede fervorosos
No espírito,
Servindo ao senhor.

Alegrai-vos
Na esperança
Sede pacientes
Na tribulação,
Perseverai
Na oração;

Comunicai
Com os santos
Nas suas necessidades,
Segui a hospitalidade;

Abençoi
Aos que vos perseguem,

Abençoi
E não amaldiçoeis.

Alegrai-vos
Com os que se alegram;
E chora
Com os que choram;

Sede unânimes
Entre vós;
Não ambicioneis
Coisas altas,
Mas, acomodai-vos
Às humildes;
Não sejais sábios
Em vós mesmos;

A ninguém
Tornei mal por mal;
Procurai as coisas honestas,
Perante todos os homens.

Se for possível,
Quando estiver em vós,
Tende paz
Com todos os homens.

Não vos vingueis
A vós mesmos,
Amados,
Mas daí lugar
À IRA,
Porque está escrito:
Minha é
A vingança;
Eu recompensarei
Diz o senhor.

Portanto,
Se teu inimigo
Tiver fome,
Dá-lhe de comer;
Se tiver sede,
Dá-lhe de beber;
Porque fazendo isto,
Amontoarás
Brasas de fogo
Sobre a sua cabeça.

Não te deixes vencer
Do mal,

Mas vence o mal
Com o bem.

O QUE É

Cada brasileiro
Que eu encontro
Lança-me
Um olhar idiota
Como se implorasse:
Por favor,
Engana-me um pouco
Para que minha vida
Seja mais suave.

No Brasil
Chama-se de esperança
O desespero.
Esperança é um desespero com fé.

ESPAÇO VITAL

Não permita
Que te julguem.
Quem são eles?
Não julgue ninguém
Quem é você?
Procure compreender
A coerência interna
Dos atos mais absurdos
Porque se você
Não for capaz de transitar
Pelo mundo absurdo
Seu espaço vital
Limitar-se-á ao seu quarto.

QUEM AMA SOU EU

Assim que te vi
Despertou-me o desejo
De espremer
Tuas espinhas vermelhas

Seus olhos hipnóticos
São quase vesgos.
Sua boca viçosa
Ou viscosa?
Molhada de baba viscosa
Ou viçosa?
Falando de futebol
E cuspindo perdigotos.

Deixa-me com tesão.

Ao acariciar
Tua nuca peluda
Minha mão se cobre
De seborréia.
Você ainda não usou
Aquele xampu anti-caspa
Que eu comprei.

Mesmo assim
Vou lamber o seu pescoço.

Eu sei
Que depois de andarmos
O dia inteiro no parque
Quando você tirar
Seu tênis All Star 45
Vai subir um chulé
Pior do que Chernobyl.

Você vai esfregar
Seu dedão do pé
E aquele unhão grande
Com terra dentro
Na minha cara
E vai me intoxicar
Até eu desmaiar
Nos teus braços
Cobertos inteiros
De tatuagens infeccionadas.

Completamente tonto
Quando me beijar
Nem vou sentir
O gostinho dos tártaros
E a ferrugem
Do piercing vagabundo.

O QUE O RIO VAI DESPERTAR

Primeiro
Você apaixonar-se-á
Depois
Você sentir-se-á
Carioca
Começará
A dar palpites
Nas obras
Da prefeitura
Tentará descobrir
A salvação da cidade
Na demolição
De prédios feios
Ou viadutos...

A partir daí
Você compartilhará
As nossas frustrações
Para sempre
Sempre em dúvida
De seu nível
De *carioquice*.

Só não poderá planejar
O Rio sem favelas
Que sempre será tabu.

O PAÍS DO CARNAVAL

Homens de cor
Não deveis prostituir-se.
Realçai a argúcia diante dos gringos
Deitai por atração física ou afeto
Não aceitai honorários, só regalos.
Pouco importa que sejais bem feito
De corpo e rosto
Ou que ninguém te dê valor
Pois, se oferecerão ao gringo
Similares mais vistosos e menos cultos
Prontos a serem comprados
E, breve, você será dispensado.

SHAMIS AL-DIN

Jalal al-Din Rumi
O maior poeta
Cruzou seu destino
Com o de Shamis al-Din

Encontrou
No sufista intinerante
A imagem perfeita
Do amado de Deus

O homem
De Deus introvertido
Extasiou-se
E embriagou-se
De verve poética

Shamis al-Din
Já entre as maravilhas do além
Inspirou-o
A dançar
Entre os Mawlawia
Uma dança sufi
Que levava ao transe
Para que encontrasse
O amigo perecido

O ladrão de ouro
Por pobreza
E fraco de virtude
Diante do santo varão
Prostrou-se a seus pés
E arrependido
Tornou-se seu discípulo.

Rio de Janeiro, 17de março de 2007

BURACO NA AMPULHETA

Que estranho tempo
Vivemos
Quando as décadas voam
Pois, ontem mesmo
Caíam as torres.

Quando os anos passam rápido
Pois, ontem mesmo
Lula temia ser afastado
E hoje volta a ser popular.

Quando os meses se arrastam
No gotejar das moedas
Que pagam os últimos impostos.

Quando cada dia pode durar
24, 36 ou 48 horas
Diante da vigília dos trabalhadores
A cumprir metas.

E o dia mais duradouro
É o dia do suposto descanso
O domingo que antes de descansar
Agonia os solitários sós
Ou com crianças em volta
Disfarçando.

Quando as horas voltam a voar
Como as décadas
Pois, o programa de televisão
Já foi perdido.
Um bairro inteiro foi explodido
Em explosões simultâneas
Ao longo dessa hora.
Um milionário perdeu metade
De seus milhões.
E todos já sabem disto!

No entanto, os minutos e segundos
São contagens regressivas intermináveis
Para decidir como serão seus anos e décadas.

Um diagnóstico datado
Calcula que a metástase do câncer
Fará com que você não comemore
Seu próximo aniversário.

E em um toque divino
Que a ciência usurpou
Deus te conta o segredo
Sobre se você terá mesmo anos e décadas.

TODOS FORAM DERROTADOS

Na adolescência formamos convicções
Idealizando as experiências
De nossos heróis
E logo em seguida
Vamos tentar
Abraçar o mundo com nossas convicções

Há um momento doloroso
Até fisicamente
No qual somos levados a fazer
A retrospectiva das nossas convicções
E o resultado delas em nossas vidas

O resultado é, com freqüência, um desastre.

Em todas as nossas vidas até então
Concluimos que as convicções
Usaram todo e qualquer diálogo
Como um duelo inflexível

Empregos perdidos
Relacionamentos por água abaixo
E também cizânias familiares

Politicamente, todos foram derrotados, de fato
Mas, a união dos convictos se inflama
Proclamando sua derrota
Como razão de suas mazelas

Não se pode livrar-se das convicções
Pois, elas rugem como leões
Em nossa alma

Mas, há que haver um espaço
Para que a opinião elástica
Pronta a ser mudada no diálogo
Que não seja duelo
Mas, mistura de águas ribeiras
Possa nos preparar
Para perceber a retrospectiva
De nossas vidas
Com novas lentes.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 2007

ACARAJÉS

Comia os acarajés
De minha amiga Pilar
Nas areias de Copacabana
Em dias quentes
De sol no domingo.

Cada um
Do tamanho
De um punho fechado

Crocantes, dourados
Feitos com nobre
Massa de feijão fradinho

O recheio eram quatro camarões
Importados da Bahia,
Como ela dizia,
Cada um do tamanho
De um dedo mindinho

O caruru
E o vatapá
Combinavam
O visco
E a consistência
Harmoniosamente

A pimenta não era forte
E não era fraca

Cabia-me mastigar
E não deglutir nacos
Para dissolver a massa
Até o sentir o dendê
O poderoso óleo inebriante
Bálsamo de uma memória
De orixás conscientes
E inconscientes.

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2007

CAZUZA FEZ SHOW EM NOVA IGUAÇU?

Sou um poeta masturbador
Que suja o papel com letras
E esconde
Dos que sobem a escada

Renato Russo xingou
Os candangos do show
Em atitude rock n`roll.
Ele morreu
E os candangos
Aí estão
Mas, eu sei
Que a culpa o consumiu
Uma culpa ajoelhada
Diante da Virgem Aparecida
Pedindo perdão
Por ofender o povo dela...
Eu sei bem disso, Renato!

Cazuza xingava melhor
Quem gostava de ser xingado
Pois, via o povo da janela
Tomando ônibus
Ou trem para as estrelas
E podia ser um Robin Hood
Atacando a burguesia
Sua origem

Cazuza fez show em Nova Iguaçu?

Não quero ser injusto.
Talvez tenha feito um ou dois.

Renato Russo cantou
O Brasil a fundo
Com Faroeste Caboclo
E do lamaçal e do pó
Saiu marcado
Para lavar sua alma
Na Fontana di Trevi.

Ele tinha direito
Ele purgou
E criou um paraíso
Extra-corporeo
Para onde gostaria de ir
E para onde levou os fãs.

Cazuza agonizou em público
Pois, entediou-se
De brilhar em público.
Esquálido na capa da revista.
Desejo de ser somali.

Para Renato Russo
São feitas romarias e saraus
Festas diurnas, familiares
Do início ao fim.

Cazuza incendiou seu fã-clube
Antes de morrer.
Suas músicas são invocações
De um ego que se agigantou
Enquanto o corpo definhou.

PRETOS VELHOS

A Maria da Conceição Lima de Oliveira

Salve Tia Maria Conga!

(Aplausos)

Está iluminada a sua *banda*

Está cheio de flores o seu gongá...

Tia Maria Conga

Dona dos meus passos

Que *alumia* os caminhos

Por onde eu passo...

Abre *zi* terreiro

Abre *zi* gongá...

Chegou Maria Conga

Que veio *trabaiá*...

Tia Conga tinha sete *fio*

Todos sete queria *cumê*...

Mas a panela era pequinininha!

Ora parte e reparte

Queraquévê...

Salve Tia Maria Mineira!

(Aplausos)

É-vem chegando

É feiticeira...

É-vem chegando

Maria Mineira!

Salve Pai José da Aruanda!

(Aplausos)

Salve Deus

E os caboclos de Aruanda...

Pai José chegou

No terreiro de Umbanda

Salve Pai Joaquim de Minas!

(Aplausos)

ô na ladeira de *pilá*

Tem *tombadô*...

Ô bota fogo *ni sapê*

Pá nascê fulô!

Salve Pai Caetano!

(Aplausos)

Pai Caetano lá de Angola

É de Angolá

Trazi flores *ni sacola*

Pra *zi fio zinfeitá*...

Salve Quenguelê de Umbanda!
(Aplausos)
Quenguelê, Quenguelê, Xangô!
Ele é filho da cobra coral...
Olha preto de noite tá trabalhando
Olha branco de noite não tá olhando...

Salve todos os Pretos Velhos!
(Aplausos)
Que Nossa Senhora
Te cubra com um véu
Que São Pedro te abra
As portas do céu!

Um abraço forte
De bom coração
É o mesmo que uma *bença*
Uma *bença*, uma benção!

Vovó não quer
Casca de côco *na* terreiro...
Pra ela *num si lembrá*
Dos *tempo* do cativeiro...

POVO DE RUA

*Salve Seu Veludo!**(Aplausos)*

Ninguém pode comigo

Eu *pode* com tudo...

Na encruzilhada

Eu é rei Veludo!

*Salve Seu Sete Catacumbas!**(Aplausos)*

Hoje tem festa

Lá na *calunga*...

Chegou defunto

*Fechaacatatumba!**Salve Seu Toco Preto!**(Aplausos)*

Segura o toco

Segura o *gaio*

Seguro o toco

Senão eu caio...

Ele pisa no toco

De um *gaio* só...*Salve Seu Sete Ventanias!**(Aplausos)*

Sopra toda noite...

Venta todo o dia...

Eu é Seu Vento

Seu Sete Ventanias!

*Salve Seu Tranca Ruas das Almas!**(Aplausos)*

O sino da igreja

Faz *belém-bem-bão*...

È meia noite

O galo já cantou

Seu Tranca Ruas é dono da *gira**ô corre gira* que Ogum mandou!*Salve a Moça Bonita!**(Aplausos)*

Arreda homem

Que ai vem *mulé*...Ela é a *bombogira*

Rainha do candomblé...

Salve malandro da Lapa
Salve Seu Zé Pelintra!
(Aplausos)
Eu visto meu paletó
Boto o baralho no bolso...
ô trabaiaá
Trabaiaá pra que
Se eu *trabaiaá*
Eu vô *morê* !

Salve todo o povo de rua!
(Aplausos)
Eu fui no mato
Cortá cipó
Eu vi um bicho
De um *oio* só!

CABOCLOS e ERES

Salve Seu Aimoré!

(Aplausos)

A água com a areia
Não pode demandar...
A água vai-se embora
A areia fica no lugar...
Chegou o Aimoré
Caboclo Guerreiro
Vem salvar filhos de fé

Salve Seu Pena Branca!

(Aplausos)

Na sua mata
Também canta o juriti...
Pena Branca vai embora
Deixa o seu cavalo aí...

Salve Seu Sete Flechas!

(Aplausos)

A lua corre no céu
O rio corre na terra...
Caboclo corre na mata
É guerra, é guerra, é guerra!

Salve seu Rompe-Mato

(Aplausos)

Sou Rompe Mato
Hei de vencer
Seu Rompe Mato
Não pode perder

Salve a Cabocla Jurema

(Aplausos)

Quem rola pedra
Na pedreira
É Xangô...
É a cor da cabocla Jurema
É a cor da cabocla Jurema
É a cor da cabocla Jurema
Juremá!

Salve seu Arranca Toco!

(Aplausos)

ó que coroa

Tão linda

Arranca Toco

Ganhou lá na Jurema...

Mas só porque

Venceu demanda

Com Oxossi tira-teima...

Salve todos os caboclos!

(Aplausos)

ô Saravá

Esse é *sua* povo

Saravá...

Esse *sua* povo

Saravá!

Esse é *sua* povo

Saravá!

Salve os Erês – Crianças

(Aplausos)

õ tem cocada

Tem guaraná

Minhas *criança*

Venha me *ajudá!*

Mesquita, 24 de novembro de 2007

MISTÉRIO

No Parque
Havia a certeza
De achar
E uma dúvida

Era uma ilusão

No bosque
Havia a dúvida
De encontrar
E uma certeza

Era a vida

SAUDADES DE ESPANHA

O que é saudade
Saudade não é
Saudade foi
Pergunte sempre
O que foi saudade

Missing you
Isn't saudade
Não é sentir falta
Pois, quando é possível
Que o amado retorne
Quando não está morto
Ainda defronte dele
Sente-se saudades dele

Nostalgie
Ne pas saudade
É muito mais pessoal
Uma saudade é toda sua
E não de uma geração
Como a de 1968
Que é nostálgica
Mas, que engendrou
Uma saudade
Em quem esteve lá
E em quem não esteve lá

Soledad
No es saudade
Ni añoranza
Não se pode determinar
Se ela é triste
Se faz chorar ou rir
Se deprime até matar
Se entusiasmo
Saudade não é
Um distúrbio bipolar

Saudade vem de Portugal
Mas, é de Espanha
Que tenho mais saudades
É o cheiro,o gosto,a cor, o som
O Quente e o seco de Espanha
Que me traz saudades

Nunca estive lá

O encosto
De Tyrone Power
Morto em Madrid
Em 1958
Fazendo 50 anos
Nesse ano
E que me persegue
Contou-me primeiro
Vestido de toureiro
Como em 1941
Como era pisar
No solo de Espanha

E Rubéns
Que tanto amei
Em Amsterdã
No ano 2000
Contou-me depois
Quando estávamos
Deitados em sua cama
Como era pisar
No solo de Espanha

O velho califa mouro
Que vejo diante do meu espelho
Foi senhor da Andaluzia
E quando perdeu a guerra
Chorou nas encostas de Tânger
Tentando achar em 1492
A sua Granada perdida

O asteca católico
Que vejo diante do meu espelho
Ora a Nossa Senhora
De Guadalupe
Agradece sem revolta
Em 1521
Que os milagres
Sejam mais fortes
Do que as maldições

Lorca em Nova York
Que vejo diante de meu espelho
Apaixona-se pelos negros
Do bairro do Harlem
E apaixonado vive
Até morrer em 1936
Trucidado em Sevilha

Meus dois irmãos
Sâmia e Alexandre
Brincam em 1976
Em uma praça madrilenha
Junto com Soraia, sua mãe
E meu pai

Minha saudade foi tanta
Diante do meu espelho
E na hora de tentar
Dizer o que ela foi
Perdi pelo caminho
Muitas palavras
Quase todas elas
E engasgado
Preferi calar

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2008



Os garotos parados

Nos pontos de ônibus, nas esquinas e nas pracinhas



Calçando chinelas de dedo

Nem desconfiam do tarado silencioso



Que escolhe e fotografa seus pés com aparelho celular

ANTES DO SUSTO

O que lhe parece
O ideal
É maquiado
Pelo virtual

Antes do susto

Melhor era
Quando a meia luz
Meia sombra
Do cinema
Ou do puteiro
Ainda permitia
Troca de calores

Antes do susto

Pelo menos
Uma história de amor
Para um dos lados

MEMÓRIA-MAR

Nos abissais
Há um ente perdido
Com um olho pendurado
No meio da cabeça

A estranha memória
Na qual saímos do breu
Correndo por uma rua
Brincando com crianças
E sentamos em um meio-fio
Afundando em outro abismo

Os anos profundos
São somente nossos
Um palco de monólogo
No qual é lançado
Um facho de luz

É a memória
Que vem nos álbuns
De retratos
Inservível
Nesse nosso mundo
Derramada
Nas lágrimas

Algo submerge
Nessa memória-mar
Dentro de uma bolha de ar
E fica nadando perto da margem
Em águas verdes transparentes
Já visível, porém inaudível
Esperando em grandes cardumes
A estratégia dos pescadores

É a memória
De nossas provas e exames
Que aciona a famosa
Inteligência

O grande barato
É que a pesca da memória
Que está nesse espelho d'água
Não se dá somente
Com a técnica e estratégia
Dos pescadores

Há na memória
Ao contrário do mar
A vontade do peixe
Em ser pescado

O inteligente
Ou competente
(Essa palavra arrogante)
Atraí o peixe com iscas saborosas
Dentro de sua memória

Mas, isso não basta

O inteligente
Emocionalmente
Mostra aos olhos do peixe
Dentro de sua memória
Que seria bom
Sair de dentro da água
Aflorando
Uma memória afetiva

Uma memória desbloqueada

Aflorar emoção
E despertar alívio
Em lembrar
Um mero número de telefone
É uma maneira simples
De ser inteligente

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 2008

AOS NOSSOS CAES

Aqui nessas terras
Nas quais cães
Ensinam homens
Vivem os carentes
Dessa carência de sexo
Dessa carência de amor
Dessa carência de poder
A nos cuidar
Que é tão brasileira
Ao mesmo tempo
Que há tanto sexo
Que se fala tanto de amor
E que os governos
Podem tanto

Aqui nessas terras
Nas quais mesmo apanhando
E lambendo as feridas
Dos donos
Cagando nas calçadas
Mijando nos postes
Copulando nas ruas
Latindo nas madrugadas
Mordendo o calcanhar
Dos estranhos
Correndo atrás de carros

Aqui nessas terras
Os cães nos governam
Nos fazendo abaixar a cabeça
Abanar ao rabo
E ser fiéis aos indignos.